

(PRÓPRIO 27) 22º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

09 DE NOVEMBRO DE 2025

SALMO 148

1 INTRODUÇÃO

Estamos nos aproximando do final do ano eclesialístico, e neste último mês, antes do Advento, os textos bíblicos da série trienal C carregam um forte tom escatológico, abordando temas ligados às “últimas coisas”. Nesta ocasião, destacam-se alguns elementos centrais: o embate de Jesus com os Saduceus em torno da ressurreição, o alerta e o encorajamento de Paulo aos tessalonicenses sobre os tempos do fim, o chamado de Moisés, que revela o “Deus dos vivos, o Senhor”, e o Salmo 148, um cântico de louvor magnífico ao Senhor, que brota do povo “que lhe é chegado”. Diante disso, propomos inicialmente uma análise individual de cada uma dessas leituras. Em seguida, buscaremos identificar um fio condutor que as une — ou seja, uma temática que entrelace esses quatro textos dando-nos um esboço para a pregação pública.

2 TEXTOS DO DIA

2.1 Salmo 148

O Salmo 148 pode ser resumido assim: toda a criação é convocada a unir-se em um grande coro de aleluia ao Criador. Desde os anjos nos céus até as árvores frutíferas, as aves do céu e os seres humanos — a coroa da criação — todos são chamados a louvar ao Senhor. Ninguém está excluído: do mais elevado ao mais humilde, todos têm seu lugar nesse louvor cósmico. No versículo 14, lemos que Deus exaltou o poder do seu povo,

“dos filhos de Israel, povo a ele chegado”. Aqui vemos que o Criador não apenas sustenta o universo — ele também deseja um relacionamento íntimo com sua criação.

Esse desejo de proximidade se concretiza plenamente na pessoa e obra de Jesus Cristo. É por meio dele que Deus se aproxima dos seus filhos terrenos, não em juízo, mas em graça. Pela fé em Cristo, somos integrados a esse povo a quem Deus muito ama. Assim, mesmo sendo pecadores, temos acesso à comunhão com o Criador. Unidos a Cristo, também nós nos juntamos ao coro eterno de aleluias, louvando o Senhor com todo o seu povo e com toda a criação — agora e por toda a eternidade.

2.2 Êxodo 3.1-15

Quando Deus se revelou a Moisés no meio de uma sarça em chamas que não se consumia, ele já tinha 80 anos de idade. Os primeiros 40 anos de sua vida haviam sido passados no palácio do faraó, como príncipe no Egito. Depois disso, viveu outros 40 anos no deserto de Midiã, onde se familiarizou com a geografia pela qual, mais tarde, conduziria o povo de Israel durante a jornada do Êxodo. Na sarça ardente, Deus se apresentou a Moisés com um nome solene e eterno: “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14). Com esse nome, o Senhor revelou-se como o Deus que é autoexistente, imutável e fiel às suas promessas. Ele então chamou Moisés para libertar o povo de Israel da escravidão egípcia.

Diante desse chamado, Moisés inicialmente hesitou, consciente de suas limitações. Mas Deus lhe assegurou sua presença constante e o capacitou com sinais e milagres, para que o povo e o faraó reconhecessem sua autoridade divina. Moisés, então, partiu para cumprir a missão a ele confiada. Ele foi impulsionado não apenas pela obediência, mas pela certeza de que o Senhor é o “Deus dos vivos” — aquele que age na história, que chama, envia e sustenta seus servos com poder e graça.

2.3 2 Tessalonicenses 2.1-8,13-17

A segunda epístola de Paulo aos tessalonicenses foi escrita provavelmente por volta do ano 52 d.C., pouco tempo depois da primeira carta. Na primeira epístola, Paulo havia ensinado que a vinda do Senhor será súbita e inesperada. Já na segunda, ele esclarece que essa vinda gloriosa não ocorrerá antes que venha a apostasia — um desvio generalizado da fé verdadeira. Antes da volta de Cristo, surgirá “o homem do pecado”, também chamado de “filho da perdição” (v. 3). Esse personagem se oporá a Deus e se exaltará acima de tudo o que se chama deus ou é objeto de culto, chegando ao ponto de sentar-se no templo de Deus, querendo parecer o próprio Deus.

Este se trata de um impostor, uma figura de engano e usurpação. Os reformadores do século 16 entenderam que essa descrição se aplica ao sistema papal, o qual, ao atribuir a um homem autoridade espiritual suprema, usurpa a posição que pertence exclusivamente a Cristo, cabeça da igreja.

Diante disso, Paulo exorta os crentes a permanecerem firmes e a guardarem fielmente as doutrinas ensinadas pela Palavra de Deus. O Apóstolo prepara o povo para tempos difíceis que precedem a segunda vinda de Cristo. Reafirmando que Deus os escolheu por meio do Evangelho, o autor assegura que eles tomarão parte na glória de Cristo e os admoesta a ficarem firmes e guardarem as verdades que lhes foram ensinadas. É Cristo quem sustenta os seus com consolação eterna e uma esperança firme, como declara o versículo 16: “Nosso Senhor Jesus Cristo mesmo, e Deus, nosso Pai, nos deu eterna consolação e boa esperança pela graça”.

2.4 Lucas 20.27-40

Na leitura do evangelho indicada para o dia, os saduceus, que não criam na ressurreição, tentam ridicularizar tanto essa doutrina quanto a pessoa de Jesus ao apresentar-lhe uma pergunta capciosa (Lc 20.27-33). Baseando-se na lei do levirato (Dt 25.5-10), eles propõem um cenário absurdo com o objetivo de desacreditar a fé na ressurreição dos mortos. Jesus, porém, não apenas evita a armadilha, como também

eleva a discussão a um nível mais alto. Ele ensina que a vida após a ressurreição é de uma ordem diferente, onde não há mais casamento como nesta vida (vv. 34-36).

Em seguida, fundamenta a realidade da ressurreição nas próprias Escrituras, citando o episódio da sarça ardente, onde Deus se revela como “o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó” (v. 37). E conclui com autoridade: “Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos, porque para ele todos vivem” (v. 38). A resposta de Jesus é tão convincente que até mesmo alguns escribas — tradicionalmente críticos dele — reconhecem sua sabedoria e o elogiam (v. 39). Assim, Jesus desmonta a falsa argumentação dos saduceus usando precisamente aquilo que eles afirmavam defender: a Sagrada Escritura. Ele mostra que o problema deles não era falta de texto, mas falta de entendimento verdadeiro da Palavra de Deus.

3 APROFUNDAMENTO BÍBLICO

3.1 Salmo 148

O Salmo 148 pertence ao grupo final do Saltério conhecido como "Salmos de Aleluia" (Salmos 146–150), que encerram o livro dos Salmos com exortações intensas e universais ao louvor. Seu contexto imediato e litúrgico é o da adoração universal: trata-se de um hino em que o salmista convoca todas as criaturas — celestiais e terrenas — a louvarem o Senhor. O salmo aparece na parte final do Livro V dos Salmos (Salmos 107–150), onde há um destaque para o reinado do Senhor, sua fidelidade ao povo de Israel e a esperança messiânica. O Salmo 148, com seus repetidos “louvai-o”, é construído de forma quase litúrgica, como um coral cósmico em que cada parte da criação é chamada a entoar louvor ao Criador.

Lutero, já em 1514, resumiu este salmo da seguinte forma: "Resume em si um louvor a Deus e, ao mesmo tempo, todas as criaturas são exortadas a engrandecer seu Criador." Mais tarde, ao iniciar sua introdução ao comentário do Salmo 148, escreve: “É um salmo

de agradecimento, no qual o salmista convoca e exorta todas as criaturas no céu (v. 1-6) e na terra (v. 7-14) a louvarem ao Senhor — especialmente os seus santos, os filhos de Israel, que o servem, isto é, aqueles que têm sua Palavra e o seu culto (v. 14).

Note bem: este salmo confirma todos os ofícios (*Stände* — classes e autoridades) criados por Deus como bons e dignos de louvor, como reis e juízes (v. 11), velhos e jovens (v. 12). Pois, se reis e juízes fossem maus e desagradáveis a Deus, não poderiam, nesse mesmo ofício, louvá-lo. Onde há reis e juízes, há também súditos, servos, executores da lei, guerreiros, artífices, agricultores, cidadãos etc. Onde há velhos e jovens, há também cônjuges, filhos e empregados. Tudo isso é louvável e bom e aponta para a bondade do Criador, de modo que, por direito, todos deveriam ser como línguas vivas, proclamando continuamente a grande bondade de Deus.”

A divisão do salmo pode ser feita da seguinte maneira:

- a) Exortação aos céus e a tudo o que neles há, para que louvem ao Senhor (v. 1–6);
- b) Exortação à terra para louvar ao Senhor de modo semelhante (v. 7–12);
- c) A razão principal para rendermos louvores ao Senhor neste momento (v. 13–14).

3.2 Exortação aos céus e a tudo o que neles há, para que louvem ao Senhor (v. 1–6)

“Aleluia! Louvai ao Senhor desde os céus, louvai-o nas alturas! Louvai-o, todos os seus anjos; louvai-o, todos os seus exércitos! Louvai-o, sol e lua; louvai-o, todas as estrelas luzentes! Louvai-o, céus dos céus e vós, águas que estão acima dos céus! Louvem o nome do Senhor, pois ele ordenou, e foram criados. E os estabeleceu para todo o sempre; fixou-lhes uma ordem que não pode ser violada.”

Aqui, até os objetos inanimados, com sua mera existência, louvam o Criador. O firmamento engrandece a Deus de forma silenciosa. O salmo menciona os santos anjos, criados por Deus para servi-lo e entoar seu louvor incessantemente. Deus não precisa do nosso frágil louvor, mas o requer. Seus anjos, dia e noite, em coros perfeitos e harmoniosos, cantam glórias ao Senhor. Portanto, ele não carece do nosso louvor, mas o

espera. É Deus quem, por meio do salmista, ordena: “Aleluia!” — louvai ao Senhor! Os astros — sol, lua e estrelas — já louvam a Deus com sua existência e pelos serviços que prestam ao mundo e aos seus habitantes.

Ao mencionar o “nome do Senhor”, refere-se ao Deus que é onipotente, onisciente e verdadeiro, que cumpre eternamente suas promessas e também suas advertências. Em sua sabedoria, Deus dispôs o lugar e a atividade de todas as criaturas. Louvemos essa sabedoria! Os céus e tudo o que neles há louvam ao Senhor e, nisso, servem como mestres à humanidade.

3.3 Exortação à terra para louvar ao Senhor de modo semelhante (v. 7–12)

“Louvai ao Senhor desde a terra, vós, monstros marinhos e todos os oceanos, fogo e saraiva, neve e neblina, ventos impetuosos que cumprem a sua palavra, montes e todas as colinas, árvores frutíferas e todos os cedros, feras e todo o gado, répteis e aves, reis da terra e todos os povos, príncipes e todos os juizes da terra, rapazes e moças, velhos e crianças.”

Agora, o salmista se volta dos céus à terra — aos mares, aos fenômenos naturais e a todas as criaturas. Tudo que existe está a serviço do Criador e é usado por ele como mensageiro e instrumento, pois tudo pertence ao Senhor. Pode parecer desonroso, aos olhos humanos, que os governantes sejam mencionados depois das feras e do gado. No entanto, todos são apresentados sem distinção, como criaturas que devem honra, louvor e glória ao seu Criador. Aqueles dotados de fala devem louvar com voz alta. Certamente, as criaturas que julgamos inferiores ao ser humano louvam a Deus com mais frequência e pureza do que nós.

O salmo nos mostra, de forma quase desconcertante, que estamos na mesma fila de criaturas endividadas com Deus em louvor e gratidão. Ficamos ao fim da lista, e talvez sejamos os que oferecem a Ele o louvor mais fraco, mesmo sendo dotados de alma e razão, vivendo num mundo repleto de milagres divinos.

Este salmo deveria envergonhar a nossa vaidade e indiferença, e nos mover — com a ajuda de Deus — a buscar sua glória em nossas palavras, ações, pensamentos e com todo o nosso ser. Louvar a Deus: essa é a nossa vocação. Existimos para isso, até que, na eternidade, nos unamos à comunhão dos anjos para louvar o seu nome em perfeição, para todo o sempre.

3.4 A razão principal para rendermos louvor neste momento (v. 13–14)

“Todos louvem o nome do Senhor, pois só o seu nome é excelso; a sua glória está acima da terra e do céu. Ele exalta o poder do seu povo, o louvor de todos os seus santos, dos filhos de Israel, povo que lhe é chegado. Aleluia!”

Na conclusão desta magnífica convocação ao louvor, o salmista repete a exortação inicial: todos os mencionados devem louvar o nome do Senhor. Esse “nome” é o próprio Deus, como se revela e continua a se revelar. A ele, e somente a ele, pertencem toda honra e glória — o que exclui qualquer veneração indevida a santos ou qualquer outra pretensa divindade.

É espantoso e comovente que Deus exalte, mesmo assim, o poder do seu povo e o chame de “seus santos”. Assim ele agiu com o Israel de outrora e assim age conosco, seus filhos hoje, que habitamos em seu coração pela graça. Por sua longanimidade e misericórdia, unamo-nos à voz do salmista e de toda a criação: Louvai ao Senhor!

4 SUGESTÕES HOMILÉTICAS

- Sugestão de tema do sermão: “Louvai ao Senhor, o Deus dos vivos que se faz presente e sustenta seu povo”
- Texto principal: Salmo 148 (apoio: Êx 3.1–15; 2Ts 2.1–8, 13–17; Lc 20.27–40)

- O objetivo é mostrar que o louvor ao Senhor não é apenas um dever litúrgico, mas a resposta de fé do povo que foi alcançado por um Deus vivo, presente na história, fiel às suas promessas e vencedor sobre a morte — e que nos convida a participar do seu louvor eterno.

4.1 Estrutura do sermão

- **Deus é digno de louvor por tudo o que criou (Sl 148.1–12)**

O salmo começa com uma convocação abrangente: céus, anjos, astros, criaturas do mar, montanhas, animais e seres humanos — todos devem louvar ao Senhor. O louvor é universal porque Deus é o Criador universal. A criação, mesmo sem palavras, glorifica a Deus com sua existência. O ser humano, coroa da criação, muitas vezes se omite nesse louvor. Ao invés de reconhecer o Criador, vive centrado em si. Quando deixamos de louvar, esquecemos quem nos criou e para que fomos criados. Perdemos nossa identidade como criaturas e filhos de Deus e isso é um sério risco à fé.

- **Deus não é apenas Criador distante, mas Senhor presente (Êx 3.1–15)**

O salmo afirma que o Senhor é próximo do seu povo (v.14). Isso se confirma no chamado de Moisés: Deus se revela como o “Eu sou”, o Deus que vê, ouve, desce e age em favor do seu povo. Ele não é indiferente em relação a dor de seu povo. Esse Deus próximo não muda: o mesmo que criou os céus e a terra intervém na história, age para o libertar e caminha com seu povo no deserto. Em Cristo, o “Eu sou” se fez carne e veio habitar entre nós (Jo 1.14). Ele intervém em nossa vida e ouve nosso clamor pois nosso louvor não é dirigido a uma força cósmica genérica, mas a um Deus que se envolve conosco, que nos chama pelo nome e nos conduz.

- **O Deus digno de louvor é o Deus dos vivos (Lc 20.27–40)**

Os saduceus ridicularizam a ressurreição, mas Jesus os corrige com firmeza: Deus é Deus de vivos. Jesus usa o mesmo texto de Êxodo 3 (a sarça ardente) para mostrar que a aliança de Deus com seu povo permanece mesmo após a morte. A ressurreição é o coroamento do louvor — a vida que louva a Deus não termina no túmulo. Louvamos a Deus mesmo em meio à dor ou luto, porque cremos que a vida eterna está garantida em Cristo ressuscitado.

- **Deus sustenta seu povo fiel em meio ao caos (2Ts 2.1–17)**

O salmo termina exaltando o povo que é “chegado” ao Senhor — o povo da aliança, sustentado por Deus. Paulo, escrevendo à igreja em crise, alerta sobre a apostasia e o homem do pecado, mas também consola: “Deus vos escolheu... vos dará eterna consolação e boa esperança pela graça.” Vivemos tempos de confusão, engano e frieza espiritual.

O louvor a Deus é abafado por vozes de incredulidade. Porém em meio a isso tudo, lembremos: Deus guarda os seus. Ele fortalece a fé, consola os corações e dá firme esperança mesmo em tempos difíceis. Essa é a base para o louvor em tempos desafiadores: Louvamos não porque tudo está bem, mas porque cremos que Deus está conosco e nos firmará até o fim.

- **Louvai ao Senhor!**

O Salmo 148 começa e termina com “Aleluia” — um chamado que ecoa da criação passando pela igreja militante culminando na igreja triunfante. Nós, que ouvimos a voz de Deus na sarça - que cremos na ressurreição e que fomos escolhidos pela graça, somos parte do povo que se junta ao coro eterno. Por isso, mesmo em um mundo de morte e engano, unimos nossa voz à do céu e da terra para cantar: “Louvai ao Senhor, o Deus dos vivos, agora e para sempre!”

4.2 Sugestão de ilustração

Durante a Segunda Guerra Mundial, Corrie ten Boom e sua irmã Betsie foram presas por esconder judeus. Enviadas ao campo de concentração, enfrentaram fome, frio, medo... pulgas e piolhos. Muitos! Corrie se revoltava, mas Betsie a lembrava: “Devemos dar graças em tudo.” Elas passaram a agradecer até pelas pulgas e piolhos — e só depois descobriram que os guardas evitavam aquele alojamento por causa deles. Foi por isso que as mulheres conseguiram orar, ler a Bíblia e até cantar louvores em segredo — sem interrupção. O que sustenta o louvor de alguém em meio à dor? Só pode ser o Deus vivo — o Deus que está presente.

Hoje, o Salmo 148 nos convida a louvar. Não só nós, mas toda a criação. Do céu à terra, dos anjos às feras, do rei à criança — todos são chamados a exaltar o Senhor. Mas não se trata de um louvor vazio, automático. É resposta ao Deus que se revela, que liberta, que vence a morte e que sustenta seu povo com eterna consolação. É esse Deus — o Deus dos vivos — que hoje também nos chama ao louvor.

5 O TEMA DA MENSAGEM ATRAVÉS DA SÍNTESE DOS TEXTOS

Tema: “O Deus dos vivos chama seu povo à fidelidade e ao louvor”

As leituras bíblicas deste domingo convergem para a revelação de Deus como o Senhor vivo, presente e fiel, que sustenta seu povo em meio ao tempo e à eternidade. O Salmo 148 proclama um chamado universal ao louvor, envolvendo toda a criação — dos céus à terra, dos anjos às criaturas do mar, dos reis aos humildes — e colocando no centro desse louvor o povo escolhido, a quem Deus se fez próximo. Essa proximidade se revela de forma marcante em Êxodo 3, quando Deus se apresenta a Moisés como o “EU SOU”, o Deus vivo, eterno e imutável, que intervém na história, chama, envia e conduz com fidelidade.

Em 2 Tessalonicenses 2, o apóstolo Paulo adverte sobre o perigo do engano e da apostasia que precedem a vinda de Cristo, mas reafirma a firme consolação e a esperança que Deus oferece àqueles que foram escolhidos por sua graça. Já em Lucas 20, Jesus responde aos saduceus, que zombavam da ressurreição, revelando com sabedoria que Deus é “Deus de vivos” — um Deus que mantém comunhão com seu povo mesmo além da morte, garantindo vida verdadeira aos que nele creem.

Pr. Gilberto Harnich Junior

Linhares/ES